



Claustro do Mosteiro de Paço de Souza (Concelho de Penafiel)

(Cliché de Marques Abreu)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Offiçinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfime massa

Fundada em 1874



Pecam
o nosso
catálogo
ilustrado
com 143
gravuras,
que se
envia
gratis.

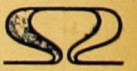
— **PORTO** —

Rua do Bonjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 50 a 68 —



Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Expos-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.

— **GUARDA** —

Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Hellodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calices, pyxides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carrilhões de campainhas, thuribulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestos do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-
generes no estrangeiro, e a que mais egrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

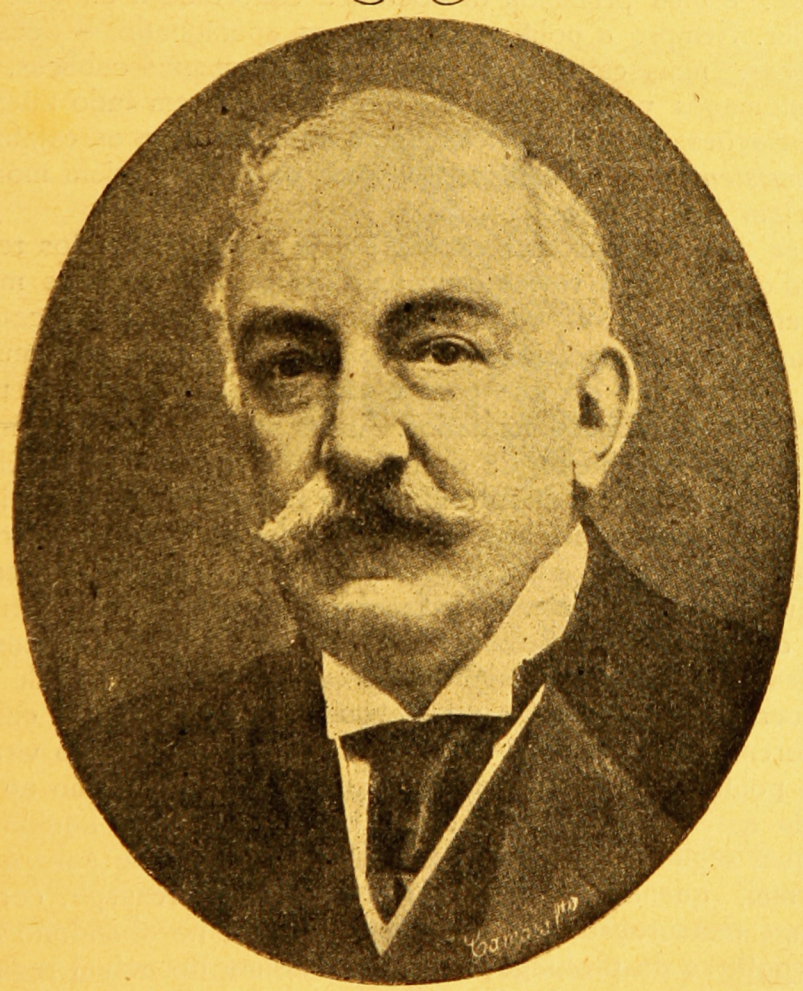
Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 22 de julho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 160—Anno IV



O Presidente da Republica Argentina, Victoriano de La Plaza, que no dia 10 do corrente foi alvo d'um attentado anarchista

CHRONICA DA SEMANA

Apontamentos simples de coisas complicadas

Todo o portuguez, quando em assomos de puritanismo, brada contra a politica, e todavia não é capaz de sahir d'ella. Parece que quando os pristinos furores de aventura que o aliraram para a maravilhosa campanha das descobertas e os impetos bravissimos com que defendia de espada nos dentes a sua terra, depois de passarem pelo *banho-maria* da civilisação com letra grande, não acharam melhor campo de exercicio que o das batalhas politicas que teem, sobre as outras, a vantagem para os contendores, de darem sempre a meias e de se congraçarem no final, para que os espectadores os apodem de heroes e as madamas não desmaiem á vista de manchas rubras de sangue ensopando o pó da arena...

E' sabido que tudo isso não passa de comedia e já ninguem se commove nem se exalta ao lêr ou ouvir trepas monumentaes e hyperbolicas do snr. Antonio José d'Almeida no snr. Affonso Costa. Ao fim do spectaculo, sobre as ultimas phrases retumbantes, toda a gente debanda a rir ás gargalhadas, troçando dos politicos, descrente, — para ir fazer o seu bocado de politica tambem, que a maneira mais commoda de levar a vida nos tempos que correm, ainda é *anichar-se*, ser leiloeiro dos bens dos allemães ou partidario da *união sagrada*, a grande burla!

A muitos parcerá que este meu setimo cargo nada tem que vêr com a politica. Pois enganam-se; é uma prebenda democratica concedida a amigos, fallidos, por fallir ou quasi a fallir. Sempre a politica salvando os apaniguados — deus indiano cada vez com mais boccas, mais estomagos, mais braços e menos cabeças, mais boccas para mentir, mais estomagos para digerir, mais braços para em tudo intervir. Em tudo. Até mesmo em associações que aparentemente se adornam com as estafadas e já suspeitas tabolêtas da *assistencia* e da *instrucção*. quer *os pobres* sejam monarchicos, quer os analphabetos sejam republicanos...

Recordam-se do *Vintem das escolas*? uma contribuição dos republicanos para a obra do cinco d'outubro. Os varios *grémios* d'instrucção? Centros maçonicos. E agora mesmo, não é verdade que a suspirada organisação monarchica tem caminhado *pari passu* e dentro da obra de *assistencia* aos realistas, ao que dizem, com muito exito? Decerto que é verdade. Tambem se diz que para o alcançar foi e é preciso um trabalhão, o de destruir os Centros Catholicos fundados. Assim será. Todas as campanhas encontram obstáculos. Mas um dos meios de destruir instituções é corrompê-las, entrando para dentro d'ellas os elementos dissolventes, e a imprensa realista ultimamente, ajudada, quem o diria?, pelos mais acerrimos adversarios do regimen do liberalismo constitucional nos campos, politico e religioso, tem dedicado um especial afan em atacar os catholicos que ha quatro ou cinco mezes declararam aos crentes que é preciso não abandonar o terreno da legalidade e defender desde já as liberdades de ensino, culto e associação essenciaes á Igreja, cujo triumpho em Portugal é condicção de vida, quer se esteja em republica quer se obedeça a um rei, porque Ella a nenhum se enfeuda.

Parece porem, que, padres ou leigos, os catholicos não viram ou não querem vêr — sempre a politica! — a necessidade do Centro e julgam (estão no seu direito) que o caminho é o da assistencia aos realistas. D'este modo, ficam liquidadas as responsabilidades, cada qual segue o seu rumo e amanhã, no futuro, se saberá quem viu bem ou quem andou mal, quando o regalismo concordatario resurgir, como é de prevêr, na hypothese d'uma restauração, ou quando se attentar no abandono completo da acção religiosa, na hypothese da prolongação demoradissima do actual regimen, em que muito bons realistas acreditam depois d'aquella pagina do assalto a Chaves — ha quatro annos! — que é uma negra página de desillusões confirmada pela série de abortos revolucionarios subseqüentes e pelo spectaculo das eleições posteriores decididas em favor do democratismo que dá venesses á *tropa fandanga* e devorista, como aliaz bem notou ha dias um politico. *Chacun á sa place*, e o futuro lerá a sentença...

Estou registando factos. Não faço commentarios.

Volvidos aqui mais uns annos, as *Memorias de Sua Reverendissima*, de Gomes Leal, hão de fazer um successo! Aquelle typo de reverendo, sobre o qual tão poucos olhos

descêram attentamente, apesar de quasi diariamente passar diante d'elles, na egreja como nos cafés, surgirá então cheio do colorido proprio e caracterisco que hoje ninguem costuma notar, talvez porque a sociedade actual é pintada com os mesmos tons. Ha um *livro de verdades* a escrever, como balanço critico-philosophico d'estas succesivas crises portuguezas. É entre outras a *verdade* da situação religiosa, por ser a mais importante e fundamental, gastará por certo duas quartas partes da obra.

Nascido em plena crise, quando o prestigio do clero, verminado de liberalismo burocrático, era já mui abalado, assisti á sua progressiva deminuição que fez panico em todos os espiritos sinceros e crentes ao estalar das magnas disputas caseiras de ordem religiosa em volta da organização catholica, nos derradeiros dias do constitucionalismo que eu não quero que volte a resurgir em *systema*, embora isto faça parte dos meus fundados receios. Alguem que Deus levou e eu saudosamente evóco, me dizia uma vez em paternal aviso: «Não te illudas! Sou do tempo dos bons padres. Hoje conto-os a dêdo!» Era um brado aconselhador de velho que muito observára pelo mundo e a quem o mundo tornára pessimista? Talvez... Mas ha dez annos que aquella phrase me accode ao espirito frequentes vezes!

A tormenta da lei de separação fez a barrela na sociedade portugueza. Deu a conhecer muito engano, arrancou muitas más caras das faces. Mas é sempre verificado que não se deve entregar só ao tempo esta obra correctiva, que é preciso que a obra do tempo seja vigiada e encaminhada pela mão dos chefes naturaes de cada uma das classes em transformação. A não sêr que...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Uma renda

Lembra-se, *Darling*, lembra-se por certo das preciosas collecções de meu avô? São soberbos esmaltes, magnificas miniaturas, com caixas variadas, bojudas, onde perpassa a leveza ingenua de *Memling*, fundos relevos bysantinos, patricias florentinas, madonas de Botticelli, anjos e demonios, que alli repoisam na vitrine doirada, como esquifes realengos, nos sombrios podrideros d'um pantheon. Colleccionou-as, catalogou-as apaixonadamente, cynicamente, com avareza, com luxuria, e fechou-as cioso na velha vitrine, como se fechasse um sonho na estreiteza humilde d'uma cella, uma tragedia na escuridão d'um tumulo! Foram o seu ultimo vicio, a sua ultima catturreira, a sua ultima loucura, No dia cruel em que não pôde colleccionar almas collecciona ferozmente caixas de rapé.

Eu nunca olhei essas pequenas maravilhas sem receio, sem terror; nunca passei pela doirada *vitrine*, sem um estremeção, como se escutasse um gemido. Pelas noites, parecia-me que toda aquella artistica amalgama, chorava, gritava... Hontem, aqui, a noite foi terrivel, tempestuosa, sinistra! Esqueci-me ao fogão, tiritando de medo, açoutada pelo clamor da tempestade, que lá fóra bramia, como um revolto, cyclopico mar. De vez em em quando vinha de longe, do mais sombrio da casa, um ruido sinistro, um bater de portas uns uivos rangentes de madeira velha e toda eu estremecia infantilmente, arripia-da de pavor. Era preciso fechar aquella porta maldita. As campainhas não funcionavam. Ha muito que todos dormiam e a minha voz perder-se-hia decerto.— Vou eu—e dirigi-me para a porta do salão, que me inquieta, me assusta, com as suas armaduras vazias como esqueletos, os seus moveis fradescos, os seus dragões de faiança, as suas

collecções. Alinhados nas paredes, os velhos retratos pareciam indifferentes—guerreiros, poetas, donas, peraltas de cabelleiras polvilhadas, cavalleiros de montante e cota, bispos solemnes com barbas e grão-cruzes, toda uma familia, uma geração, uma raça, uma historia, vivendo inconscientes na sua existencia de lona, mas attentos, vigilantes aos meus gestos, aos meus olhares, aos meus passos. Ao fundo na vitrine, entre o pó e as joias, uma das caixas brilhava. Andei a vista para o lado a não querer olhar aquella luzerna mysteriosa. O vento clamando varreu as arvores do pateo, ruflou nas janellas, ennovellou-se pelos corredores, onde os soalhos estremeciam, rangendo. Apagou-se-me a vela. A's apalpa-dellas, tropeçando, anceada, as fontes latejando, o corpo saccudido no mesmo arripio, tentei voltar, mas por instincto, sem saber, movida d'uma decisão que não sei explicar, fui d'encontro á vitrine onde luzia aquelle incerto, sinistro fogacho. Alli fiquei apavora-da, sem reagir, tiritando, distinguindo nitidos entre o fragor da rajada os gemidos de sempre. Não podia enganar-me, era bem a suffocação d'uma supplica, imperceptivel primeiro, logo forte, depois grito estridente, metalico. Affastei-me, mas a voz supplicava, gemia, amargurada: «Liberta-me» . . . É dominada por aquella superstição infantil, abri a vitrine nervosamente e tomei a pequena caixa que scintillava. Amparando-a nas mãos, timida como se levasse uma alma sollicita, terna como se transportasse um corpo de creança, dirigi-me para o meu quarto, guiada pela chama rubra do fogão, que se escoava em macabros tregeitos, pela porta entreaberta. Ouvei então um obrigado, tão nitido, tão carinhoso, tão intimamente agradecido, que tremi de pavor, «Mas liberta-me» supplicava a voz desconhecida. Á chamma inquieta do candieiro examinei a caixa mysteriosa, com tampas d'oiro lavrado, onde poisava como uma mancha illuminada uma miniatura de mulher. Abri-a e saltou com um pequeno papel, onde reconheci na letra regular de meu avô, a designação indifferente do catalogo, o pedaço amarrotado d'uma renda amarellecida. Virei, revirei aquelle pequeno farrapo de *Valenciennes*, aquelle resto d'um lenço fememil, que tanta lagrima enxugára, que tanto sorriso encobrira, aquelle trapo amarrotado que andara na intimidade d'uma mulher linda e talvez infeliz, que lhe escutara os segredos, as amarguras, as decepções, sem conseguir encontrar-lhe mais do que uma mancha amarellecida.

Lgrimas? Bafio? A nodoa desdenhosa do tempo ou o rastro novellesco do romance?

E já lhe não tenho horror. Estimo aquelle farrapo, olho com mais ternura já aquelles esmaltes. Hei-de visita-los. . . Vão fazer-me até bôa companhia. . . Mas aquella mancha?! Olhe, porque não vem vêr-me? Seremos duas a desvendar aquelle mysterio, prescutaremos juntas aquellas lagrimas desentendidas e soffreremos menos. E' que nas lagrimas dos outros melhor desafogamos as nossas lagrimas, não é verdade, *Darling?* Sua muito amiga X.

Não pôde haver liberdade sem justiça, nem justiça sem liberdade.

A liberdade e a justiça não existem, senão unindo-se e servindo-se mutuamente.

Não se é verdadeiramente livre, senão quando se é escravo do dever.

A liberdade dada a povos corrompidos, é uma virtude formosa entregue a libertinos.

O Jubileu Episcopal do Senhor Bispo do Porto



No dia 5 do corrente esteve em festa magnificente a nobre e gloriosa Diocese do Porto, uma das melhores da Igreja. E' que n'esse dia se celebrava o 25.^o anniversario da Sagração do Senhor D. Antonio Barroso, tão amado e admirado pelos seus diocesanos e por todos os catholicos portuguezes.

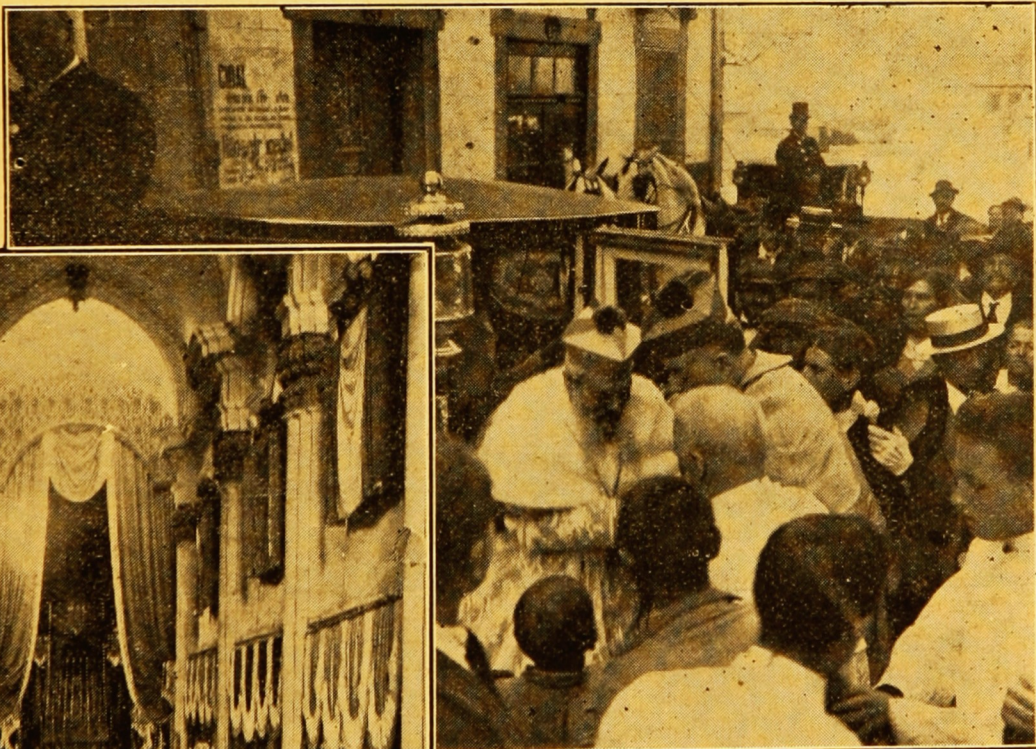
O illustre Prelado tem a dupla aureola de heroico Missionario nos sertões da Africa e de Antistite-Martyr, affrontando com admiravel firmeza



1—O Ex.^{mo} Snr. D. Antonio Barroso acompanhado pelo Mons. Joaquim Lopes, mestre de cerimonia da Sé ao entrar no templo.

2—Interior da Cathedral no acto da cerimonia.

3—O Ex.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto acompanhado do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Barbosa Leão, Bispo do Algarve.



e calma as perseguições mais sectarias e sacrilegas.

Pae modelar de todos os seus diocesanos, e propenso por indole ás benevolencias mais tocantes, Sua Ex.^a Rev.^{ma}, porém, é um verdadeiro forte na defeza da dignidade episcopal e dos puros direitos de todos os seus filhos espirituaes. Muito lhe deve em Portugal a Santa Igreja Catholica.

De todo o coração, e com affectuossissimo respeito enviamos a S. Ex.^a Rev.^{ma} a melhor homenagem que dentro das nossas humildes forças cabe, repetindo, com toda a Igreja, calorosamente:

—Ad multos annos!

FESTA RELIGIOSA

Realizou-se no dia 2 do corrente uma linda festa na freguezia de Almargem do Bispo, proximo de Lisboa, com a presença de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Mytilene, que constou do baptisado solemne de 14 creanças que alli existiam por baptisar e da 1.^a communhão a uma grande porção d'outras.

Para a realização d'esta encantadora festa contribuíram algumas pessoas actualmente alli veraneantes especialmente a ex.^{ma} snr.^a D. Julieta de Mendonça e Costa da Silva Pereira que tenaz-



Porto—Jubileu Episcopal. O desfilor do povo que assistiu á cerimonia

(Phots, de J. Azevedo)



especialmente o seu photographo artistico pela muita consideração que nos merece aquella bondosa senhora como, tambem por nos ser consolador vêr espiritos nobres e puros difundirem a Santa Religião do Martyr.

1—Almargem do Bispo. S. Ex.^a Rev.^{ma} o Arcebispo de Mytilene com o parochio da freguezia e as creanças da primeira communhão.

2—14 Creanças que foram baptisadas nesta freguezia no dia 2 de julho. Ao meio a Ex.^{ma} Snr.^a D. Julieta de Mendonça e Costa da Silva Pereira, madrinha de todas as creanças.

mente, com a sua enorme vontade, fé e muito amor, conseguiu incutir n'aquelles povos a admiravel e inegalavel fé de Deus, fazendo com que as mães pudessem dar aos seus filhinhos as aguas lustraes do baptismo redemptor. Bem haja e muitos parabens.

Sua Ex.^a o Senhor Arcebispo de Mytileua dignou-se assistir á sua realização dando uma solemnidade aquelle acto bem precisa não só para que aquella gente pudesse vêr os nossos mais dilectos filhos da Igreja como para satisfação justa dos esforços bondosos da Ex.^{ma} Snr.^a D. Julieta.

A *Illustração* mandou alli



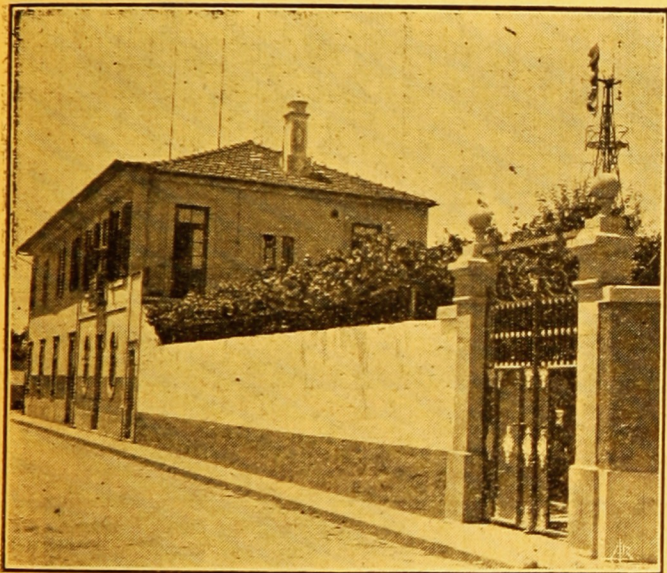


1—*Almargem do Bispo* — A chegada do Ex.^{mo} Snr. Arcebispo de Mytilene.

2—*S. Mamede da Infesta*—A casa de habitação da familia Alves.

3—A familia Neves.

4—*Padre Narciso Alves d'Oliveira*, actor *Oliveira* e esposa *D. Delphina d'Oliveira*, *Padre Antonio d'Almeida Pacheco*, *Arthur Luciano de Castro*, *recebedor da Maia* e *Padre Salvador Coelho da Silva*.



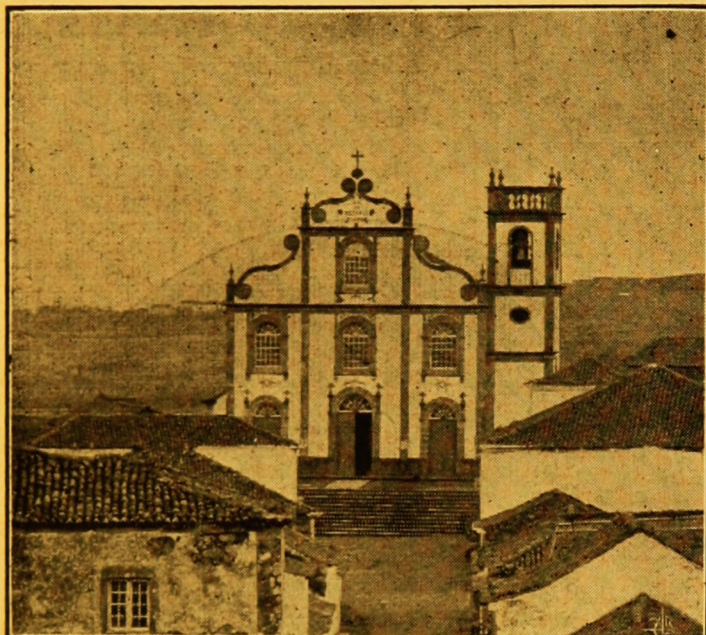


Casa Neves—Vaccas «Violeta» e sua filha «Bohemia» e vacca «Fiora».

Qualquer d'estas vaccas dá 8 canadas de leite ou sejam 16 litros.



Ninhada de porcos pertencente à familia Neves



Açôres—S. Miguel—Egreja parochial d'Achadinha



Grupo de catechistas da Achadinha



Grupo de creanças da Achadinha com o parochio ao meio e os catechistas na ala superior



Dorto—Festa promovida pelas senhoras portuenses a favor da Cruz Vermelha



Pescando uma sacca de boubons



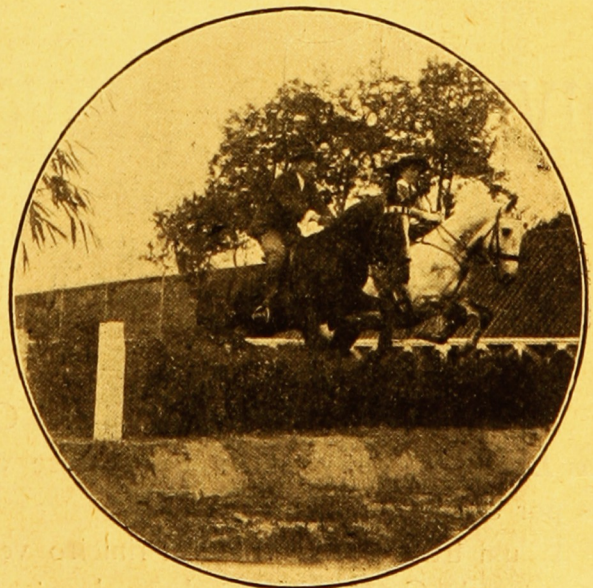
Exercicio de maqueiros



Uma senhora da fina sociedade vendendo flores



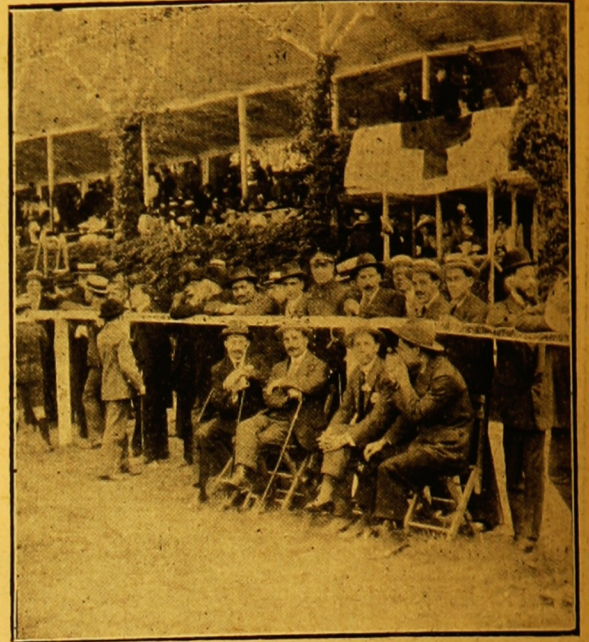
Duas senhoras vendendo flôres



Dois cavalleiros amadores que tomaram parte no festiva
(Phots. J. Azevedo).



Porto—Apreciando um espetáculo de fantoches



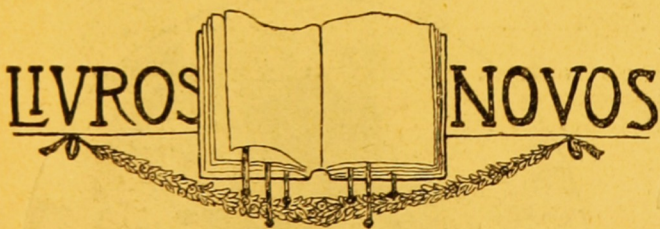
Um aspecto da assistencia



Um aspecto do parque



D. Maria Augusta Brandão
Pereira,
gentilissima menina bracarense,
piedosamente
fallecida no dia 7 do corrente,
extremosa filha do Ex.^{mo} Snr.
Victor de Lima Brandão.



"Chave dos Lusíadas"

Acaba de ser exposta á venda a *Chave dos Lusíadas*, com prefacio, paraphrase e notas por José Agostinho.

E' um trabalho admiravel. Primeiro vem as estancias de Camões, seguindo-se depois a paraphrase e as notas illucidativas. de sorte que toda a gente que lêr saiba fica a comprehender

os *Lusíadas*, com este trabalho de José Agostinho.

Cada canto ou tomo custa apenas 100 reis. Ficando pois a obra completa por 1\$000 reis.

Todos os alumnos dos Liceus e Escolas Normaes tem na *Chave dos Lusíadas* o poema de Camões e a interpretação clara, lucida, simples e bella.

Aconselhamos a *Chave dos Lusíadas* a todos os que desejem conhecer com consciencia o nosso maravilhoso poema epico.



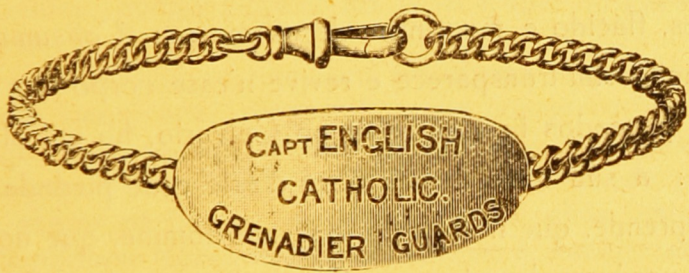
o Pagina da Guerra Europeia o



1—Jorge V com o general William Robertson, substituto de Lord Kitchener.

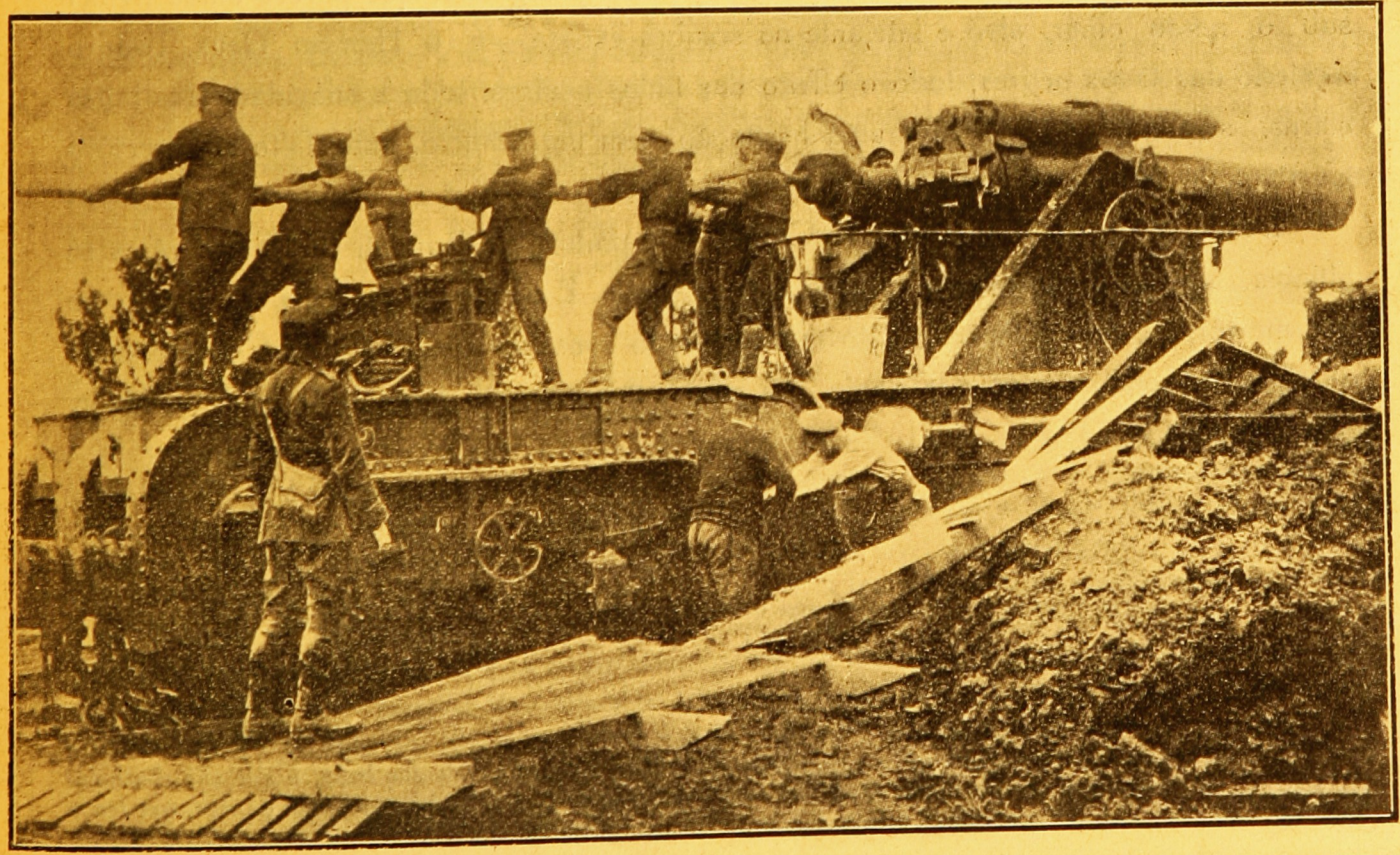


2—O famoso veterano ortab Singh fallando com o general Joffre e Douglas Haig.



3—Bracelete usado pelos militares catholicos ingleses.

4—Um grande canhão de sitio ao ser carregado pelas tropas inglesas.



PAGINAS D'ARTE

POR MANOEL (SEMBLANO)

O Christo de Carrière

Uma sombra nêgra, densa, rembrandtêsca... Sobre esse fundo sinistro, o vulto d'um condemnado. Ao pé, Maria ou Magdalena, uma mulher, a chorar. Eis tudo.

E este quadro, d'uma simplicidade primitiva, rude, barbaro e sangrento, perturba-nos com a sua immensa tristeza, compadece-nos pela sua immensa piedade, vence-nos pelo seu infinito amôr, e tocando instinctivamente a nossa alma, faz-nos cahir de joelhos, soluçantes, as mãos postas, a rezar...

Um clarão violento innúnda o tórso de Jesus. Os braços pendem, cahidos, lacerados... A cabeça, refulgente de luz, descança inérte. E' o fim do sacrificio.

Carrière, no instante maravilhoso em que realizou este milagre de tela, devia ter soffrido muito—elle que não era crente, e que havia esquecido as brandas orações, que sua mãe lhe ensinára.

A cruz desaparece na escuridão pavorosa, Mal se percebe, ao lado, a mulher compadecida. Da treva apenas sobresahe lugubrememente, pesadamente, um cadaver. Um corpo frio, livido, ensanguentado, abandonado...

Cheio de vergões, flácido e magrinho, Jesus morreu. *Consummatum est.*

Mas uma alma immortal transparece e revive n'esse corpo mortal, n'aquelle suppliciado, que os meus peccados fizeram subir ao Calvario, ha um alento divino. E eis o prodigio de Carrière: a sua obra é uma obra d'arte e de piedade. O sentimento mais vivo que d'ella se desprende, que nos abala, que nos domina, que nos persegue, que nos tortúra, que nos fica perduravel e eterno—é o sentimento da emoção. Aquelle escravo humilde, suspenso d'um madeiro invisivel, puro e resignado, que parece ainda tremer sob o nosso olhar, alvo e latejante na sombra escúra—é o Homem Deus. Todo o mysterio das tintas negras, todo o effeito das tintas neutras, toda a suavidade das tintas claras, sem um exagêro, sem uma hesitação, sem um artificio, nada falta ao precioso Carrière do Museu do Luxemburgo.

Desde o celebre marfim de Carlos V á pintura de Bonnat, rarissimas vêzes se attingiu um tão alto grau de emoção e de piedade. E n'este seculo áspero e banal, em que um tórpe e mal comprehendido realismo tudo avassála, o Christo de Carrière, meio afogádo em sombra, alvo e latejante, é a mais extraordinaria criação de espiritualidade, que eu conheço...

As artes liberaes assemelham-se ás pyramides, cuja maior largura é a da sua base, e que vão diminuindo sempre, até se perderem n'uma ponta aguda: as artes mechanicas, ao contrario, são como os rios, que tendo uma fraca origem, se vão engrossando e estendendo de mais em mais em seu curso.

Galileu e a Inquisição

A presença de Galileu em Roma, onde fez a exposição do seu systema perante as notabilidades scientificas da Cidade eterna, desfez por completo as impressões desfavoraveis ao eminente astronomo

Antes de regressar a Florença, o cardial Del Monte e varios membros do Santo Officio com muito interesse lhe pediram que propagasse e defendesse, sim, a sua theoria astronomica, mas sem se envolver em discussões theologicas completamente extranhas aos progressos das mathematicas. Infelizmente não foram seguidos estes conselhos prudentissimos, que tal não consentia o caracter impetuoso de Galileu, o seu immenso orgulho, que o levou a ser desleal para com a auctoridade ecclesiastica, unico juiz competente na questão theologica.

«Galileu exigiu, diz Guichardin, que o Papa e o Santo Officio, declarassem o systema de Copernico fundado sobre a Biblia. No mesmo sentido instou com varios cardeaes, apertando com o cardeal Orsini para que resolvesse o Papa a fazer aquella declaração. O Papa não respondeu, e, de concerto com o cardeal Bellarmino, determinou submeter a causa ao tribunal competente». (1)

Depois d'uma affectuosa audiencia que Paulo V concedeu ao astronomo e que demorou mais de uma hora, o cardeal Bellarmino ordenou-lhe, em nome da Santa Sé, que se abstinisse de interpretar os textos biblicos e que se limitasse unicamente á exposiçao do seu systema astronomico. Esta ordem foi inserida nos registos do Santo Officio. Galileu em vez de se submeter, continuou a intrrometer-se na questão theologica,

Logo que o cardeal Maffeu Barberini foi elevado ao solio pontificio sob o nome de Urbano VIII, Galileu, amigo pessoal do novo Papa, dirigiu-se novamente a Roma, onde chegou na primavera de 1624.

Durante os dois meses que se demorou em Roma teve amiudadas audiencias do Papa, recebendo d'elle inequivocas provas de muita consideração e estima a ponto de escrever ao gran-duque da Toscana recommendando-o á sua protecção particular. Mas tudo isto não bastou para dissuadir Galileu da sua desarrasoadá pretensão de obrigar o texto biblico ao seu exame particular. A intransigencia, aliás justa e rasoavel, da Santa Sé, exasperou-o; abandonou Roma cheio de rancor e hostilidade contra a Igreja, só porque a Igreja não se prestou, como elle queria, a elevar á cathegoria de dogma a rotaçao da terra sobre o seu eixo.

No intento de salvar Galileu d'uma queda desastrosa e na esperança de o chamar a melhor aviso, Urbano VIII communicou-lhe confidencialmente as accusações que contra elle se faziam, a fim de as rebater. Foi a voz do amigo clamando do deserto. «O orgulho de não ceder, diz o protestante Mallet du Pan, tornava de dia para dia mais acceso o litigio, e se este orgulho era desculpaval em Galileu, porque não o seria tambem no Papa, em Bellarmino, na Inquisição, em toda a côrte de Roma, sendo de mais a mais Galileu o provocador do litigio?» (2)

Ouçamos agora um dos admiradores e amigo entusiasta de Galileu:

«Por muitas concessões que possamos fazer ao caracter de Galileu, ás particularidades da sua situação, ainda mesmo que justificassemos a sua visita a Urbano VIII, em 1624, Galileu ficou constituido perante o Papado n'uma situação que exigia da sua parte um procedimento correspondente e novo...

«Honrado pelos principaes membros da Igreja, affectuosamente tractado pelos mais altos dignitarios ecclesiasticos, Galileu julgou-se a salvo contra os ataques dos funcionarios de segunda ordem, e em posse da mais ampla liberdade para continuar os seus estudos, comtanto que não tocasse na Arca Santa da doutrina da Igreja.

«A pensão concedida por Urbano VIII a Galileu não podia considerar-se como uma d'aquellas recompensas que os soberanos muitas vezes concedem aos serviços notaveis de subditos seus. Galileu era estrangeiro em Roma, o Rei dos Estados Pontificios não tinha obrigação alguma de conceder aquella pensão. É assim que devemos considerar o gesto do Papa; foi um dom do Pontifice Romano á sciencia; foi uma declaração ao

(1) Cit. por Bathelêmi, obr. cit. pag. 93.

(1) Obr. cit.

mundo christão de que a religião não é inimiga da sciencia e de que a Egreja romana respeita e anima, em toda a parte, o genio do homem.

«Galileu encarou tudo isto sob um aspecto differente». (1)

E' verdade, e ainda mal.

Em 1652 appareceu o *Système du monde de Galileo Galilei*, onde se ridicularizam Aristoteles e a sua influencia, e muito principalmente a Inquisição. A linguagem d'aquelle escripto, sobre ser impropria do grave assumpto de que tracta, é altamente offensiva da verdade, da justiça e da dignidade da Santa Sé.

Galileu foi citado para comparecer perante a Inquisição romana. Chegou a Roma a 14 de fevereiro de 1633. Como foi recebido e tractado? «Com attentões desusadas, com respeitos particulares, com taes considerações que altamente demonstram a veneração publica devida ao seu genio.» Assim o attesta a auctoridade insuspeita d'um protestante, inimigo de Roma e das suas instituições. (2)

III

Instaurou-se o processo inquisitorial e Galileu continuou a ser tractado com notaveis deferencias.

«Adversario do odioso tribunal da Inquisição, diz o protestante Brewster, devemos não obstante confessar que no processo contra o astrónomo as deliberações não foram dictadas por paixão e muito menos por vingança. Trazido á barra como hereje, Galileu houve-se com as qualidades proprias d'um sabio, e ainda que culpado perante as leis do tribunal, foi concedido ao seu genio o mais profundo respeito e ás suas enfermidades a maior consideração. Em principios de Abril, foi transferido para o Santo Officio; mas em lugar de ser encerrado n'uma cella, como era costume, deu-se-lhe aposento em casa do fiscal da Inquisição. Os alimentos eram fornecidos pelo embaixador, e o creado que o servia habitava n'um quarto proximo a fim de velar constantemente pelo recluso.

«Era, pois, uma prisão nominal mas assim parecia insupportavel a Galileu. Urbano VIII teve conhecimento das disposições de espirito do recluso. Com uma generosidade que será sempre honrada pela posteridade, o Papa ordenou que o seu antigo amigo fosse transportado para o palacio do embaixador toscano.

«A Inquisição, depois do interrogatorio de Galileu, concedeu-lhe um certo prazo de tempo sufficiente para preparar a sua defeza. Foi então que elle conheceu a difficuldade de allegar o quer que fosse, que se parecesse com uma justificação do seu procedimento. Recorreu á engenhosos mas vãos artificios que o tribunal qualificou como outras tantas aggravantes da sua pertinacia.» E Mallet du Pan, acrescenta: «Ninguem ignora que a Galileu foi concedida plena liberdade para se defender, *mas a sua defeza é um verdadeiro arranzel.*

«Não foi a realidade do movimento da terra o que elle demonstrou aos inquisidores, limita-se a discutir com elles a interpretação que devia dar-se aos textos de Job e Josué.

«Dada a sentença e exigida a retractação, Galileu foi novamente enviado para o palacio da embaixada da Toscana,

«Com esta severidade puramente de forma, o Tribunal intentou prevenir alguns catholicos que desejavam commentar o texto biblico desobedecendo assim á Santa Sé. Depois da sentença, Galileu regressou á sua terra e, não obstante a detenção que soffreu e os seus setenta e cinco annos, pôde jorndear a pé desde Roma a Viterbo.» (3)

IV

O romance historico ácerca da condemnação de Galileu acrescenta ainda esta nota pavorosa e tetrica; *o grande foi barbaramente torturado nos carceres tenebrosos da Inquisição.*

(1) Brewster, na sua obra *Les martyres de la science*, cit por Barthélemi, obr. cit.

(2) Mallet du Pan, obr. cit.

(3) Mallet du Pan, obr. cit.

Ja vimos que a prisão de Galileu foi mais nominal que real, vejamos agora de que barbaridade foram as torturas soffridas nos tenebrosos carcerees. Vae dizer-lo o mesmo protestante Mallet.

«E' necessario ouvir o proprio Gallileu para se fazer uma ideia justa d'esses *chimericos sofrimentos* incessantemente repetidos em pretendidos livros historicos.

«Em Janeiro de 1634 escrevia elle a um amigo uma carta que existe na Bibliotheca imperial de Pariz e que foi pela primeira vez publicada por Falloux. D'essa carta extrahimos os seguintes periodos:

Passo agora ao assumpto da vossa carta e respondendo ás vossas perguntas á cerca das minhas desditas só vos posso dizer que nunca, como desde que fui citado para comparecer em Roma, gozei de tanta saude, graças a Deus. Estive preso, durante cinco meses, em casa do embaixador de Toscana, que me tractou com a mesma amizade e dedicação como se eu fôra um dos seus parentes mais proximos. Depois de concluido o processo fui condemnado a uma prisão ao arbitrio de S. Santidade. Esta prisão foi, por alguns dias, o palacio e o jardim do gran-duque em Trinitá del Monte. Depois mudei para o Paço do Arcebispo de Sena, onde passei outros cinco meses em companhia do Padre Sainte-Iré em continuas visitas de nobreza d'aquella cidade. Nada soffri, nem na saude, nem na honra, unicas coisas que, sobre todas, mais caras me são.»

Comparae agora, commenta Mallet, estes dizeres serenos, tranquilllos, com as lamentações que nos apresentam Galileu *martyr da Inquisição!* Comparae a confissão sincera do sabio com o quadro de fantasia traçado *por muitos romancistas* que nos apresentam Galileu barbaramente torturado pela Inquisição!

De tudo que temos exposto, fundados em testemunhos insuspeitos, conclue-se que Galileu, o grande sabio e eminente astronomo, foi tratado com todo o carinho pela Santa Sé: que não passa de puro romance adréde inventado para infamar a Igreja as torturas que o sabio soffreu nos carcerees da Inquisição, onde nunca esteve; que, finalmente, o tribunal *ecclesiastico o condemnou não como excelente astronomo mas, como pessimo theologo.*

Galileu terminou os seus dias a 8 de Janeiro de 1642 com 78 annos de idade. Antes de Galileu, Copernico, sacerdote catholico, que sustentou publicamente o movimento da terra e a estabilidade do sol, dedicou a obra em que ensinava esta verdade a Paulo III. O cardeal Schomberg e o Bispo de Culm foram admiradores e amigos d'aquelle sabio. O Bispo d'Emerstand erigiu-lhe, a expensas suas, um grandioso monumento para perpetuar a memoria de tão sabio e benemerito sacerdote.

E Copernico nunca foi condemnado nem sequer levemente reprehendido pela Egreja. Porque? Porque Copernico manteve-se sempre na esphera da sciencia astronomica, nunca se arvorou em interprete do texto sagrado, nunca exigiu que fosse declarado dogma o movimento da terra sobre o seu eixo. Galileu procedeu de modo bem diferente. De que lado está pois a razão e a justiça? Do lado de Galileu arvorando-se em interprete authenticico do sentido biblico, ou do lado da Egreja reclamando para si o legitimo direito, só a Ella divinamente conferido, de interpretar a palavra de Deus escripta?

S. R.

No artigo anterior, por um descuido lamentavel, sahiam os seguintes erros, que por serem de importancia passamos a rectificar.

No primeiro periodo, onde se lê: «*Combater com armas leaes a Egreja e as suas instituições, empreza é a que se dedicaram os inimigos do catholicismo*», deve lêr-se: «*Combater... empreza é a que NUNCA se dedicaram, etc...*»

No quarto periodo a contar desde «*Os Martyres da sciencia*», deve lêr-se «*Mas antes de mostrarmos este facto á luz de documentos historicos...*»

Censura



O cabelo do avô também foi á censura ? ...

Obras religiosas

de José Agostinho

O Jardim da alma—encad. 300 reis.

**Historia Sagrada do antigo e novo
testamento**—encad. 200 reis.

A vida de S. Francisco de Sales—br.
00 reis.

A vida de Santa Thereza—br. 200 reis.

O Evangelho—Encad. 400 reis.

Mez de Junho—br. 100 reis.

Flores Religiosas—Mez de janeiro 100 reis.

A Religião e a arte—100 reis.

Deus provado pela sciencia—100 reis.

A Escola Sem Deus—50 reis.

A Fé Religiosa e o Povo 50 reis.

Todos estes livros estão approvados pelo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto.

Livraria Figueirinhas

75—Rua das Oliveiras—PORTO. (1896)

Frigideiras e Restaurante

CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY.**

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Fereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

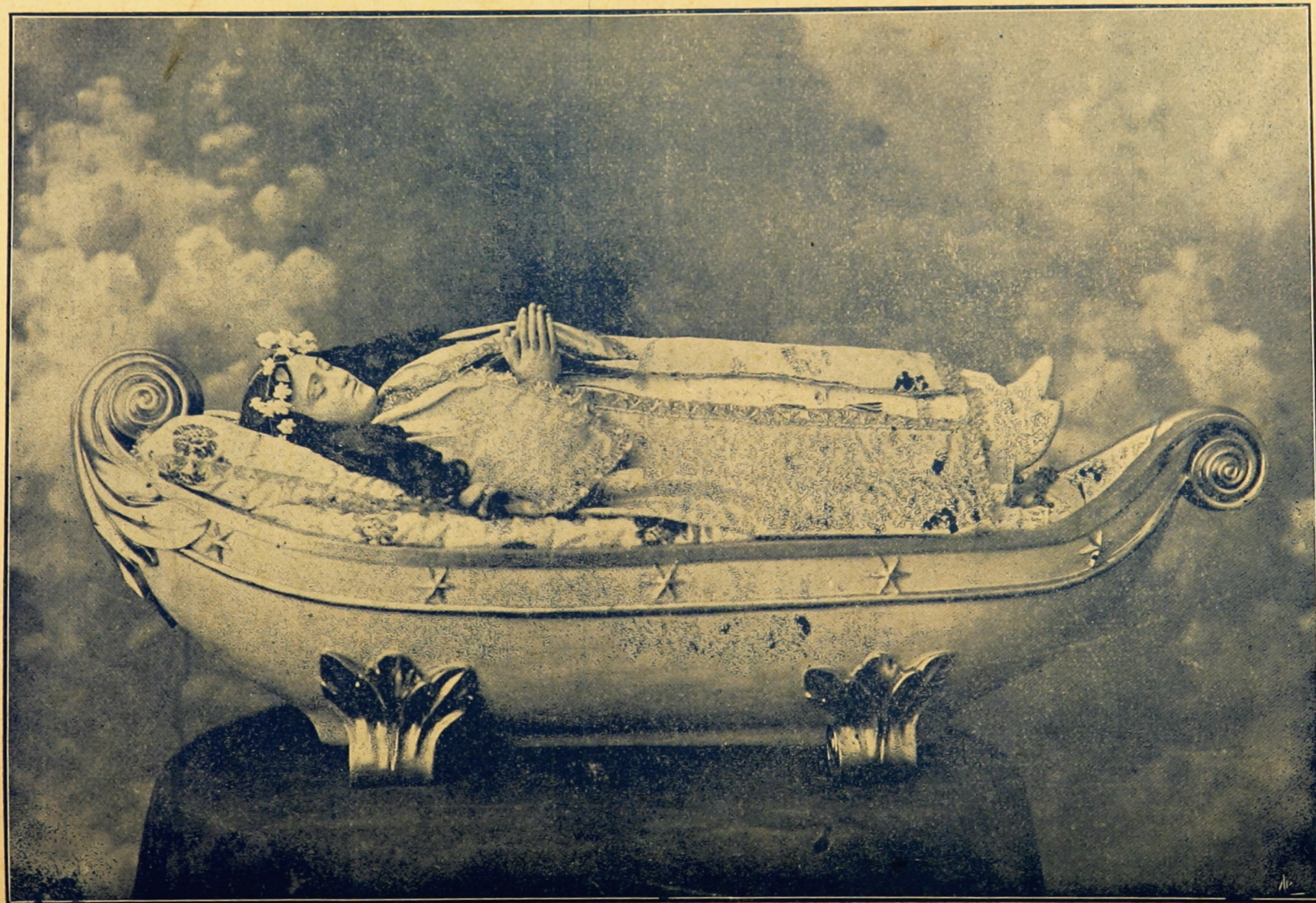
José Garrido Vasques

PARAMENTOS

✕ OS MAIS BEM MONTADOS ATELIERS ✕
Officina de Escultura Religiosa em madeira, pintura, dourado e encarnação

IMAGENS

A
casa
mais
com-
ple-
ta no
seu
genero
em
Portu-
gal.



Mo-
delo
das
suas
conge-
neres.
—
Faça-
se um
con-
fronto.

ALFAIAS

✕ ✕ O PRIMEIRO CATALOGO ILLUSTRADO ✕ ✕
ENDEREÇO TELEGRAPHICO — *Fabriculto - Porto.*

MOBILIARIO